



Não se pode dar liberdade aos inimigos da liberdade

Das manobras subreptícias a reacção passou à ofensiva aberta e sangüinária. Tudo lhe serve para actuar: começou pela sabotagem económica, apareceu depois timidamente nas paredes, fez da Imprensa regional e da palavra de alguns padres de aldeia seus principais veículos de propaganda na província, formou partidos e frentes de partidos, difundiu comunicados, criou órgãos de Imprensa oficiais, assegurou algumas posições na rádio, apanhou uma televisão distraída, cada vez menos capaz de assumir as responsabilidades políticas que sobre ela impendem, lançou boatos sobre boatos, fortaleceu-se com o exílio duns fascistas, e a liberdade inexplicavelmente concedida a outros, fez reuniões, organizou manifestações de rua... E ninguém a deteve. E tudo isto, que já parece de mais que já é escândalo, que já é o abismo à vista, pôde crescer mais e mais numa enorme bola de neve, perante a passividade do poder revolucionário constituído.

Vieram as provas de força, o motim, a violência. Os Pides reivindicaram tumultuosamente a liberdade. Elementos da PSP reprimiram brutalmente manifestantes progressistas. Sabotadores fizeram descarrilar um comboio. E agora, a culminar todo este processo de deterioração política consentido pela complacência do poder constituído, a traição máxima: o golpe racista-colonialista-imperialista da minoria reaccionária moçambicana, que, uma vez mais, deparou com uma preocupante incapacidade de resposta enérgica, eficaz e imediata.

Não pode ser. Os homens do MFA, que fizeram o 25 de Abril, e o Governo Provisório, que representa a coligação

das forças progressistas identificadas com aquele Movimento, têm uma autoridade revolucionária que não pode ser posta em causa. Seria alta traição que esses ou outros órgãos do Poder vacilassem na defesa das conquistas revolucionárias ou permitissem que estas fossem ameaçadas. Quem faz uma revolução e não a defende comete uma maior traição para com o povo do que quem perpetua um regime de tirania. Ao «humanismo progressista» a contra-revolução vitoriosa responderia com os fuzilamentos em massa, com as torturas mais asquerosas, com os atentados mais vis à cultura e à inteligência, com a fome e a miséria, com formas de exploração muito mais cruéis com a morte. Sim, com a morte. «Viva a Morte» chegou a ser o grito do general fascista Astray durante a guerra de Espanha.

E preciso que o «humanismo progressista» dos revolucionários do 25 de Abril não se traia a si mesmo e não traia o povo que quis libertar, deixando que à sua sombra se organize de novo a violência fascista. É preciso que a democracia que queremos construir não se armadilhe a ela própria, permitindo «democraticamente» as actividades da reacção. Na democracia não cabem os inimigos da democracia. Não se pode dar liberdade aos inimigos da liberdade (Saint-Just).

Todos quantos apolam o MFA, lhe conferem a inequívoca representatividade dos mais profundos anseios do nosso povo, o ajudam quotidianamente na medida das suas forças na tarefa de edificar uma sociedade verdadeiramente democrática; todos quantos confiam no MFA e se empenharam a fundo no cumprimento

do seu programa têm o direito de exigir que se aniquile a reacção. Não é só o futuro do povo português que está em causa: são dezenas de milhares de vidas que estão a ser jogadas. A complacência para com a reacção é um crime. Contemporizar com os reaccionários é oferecer em holocausto milhares e milhares de vidas (trinta mil, no primeiro ano de ditadura chilena) e comprometer por dezenas e dezenas de anos o futuro de um povo.

Que os revolucionários do 25 de Abril honrem as suas responsabilidades históricas. Que os revolucionários do 25 de Abril reafirmem a sua autoridade e a sua determinação. Que os revolucionários do 25 de Abril imponham o termo imediato de todas as conspirações actividades reaccionárias, o saneamento célere no aparelho de Estado e nas Forças Armadas, a mobilização de todos os meios de informação (Imprensa, Rádio e Televisão) para a grande batalha pela verdadeira liberdade e pela verdadeira democracia — uma liberdade e uma democracia reais e não puramente formais! Que os revolucionários do 25 de Abril saibam defender o levar até ao fim sem vacilações o processo de descolonização e a libertação do Povo Português de todas as opressões, políticas e económicas. Que os revolucionários do 25 de Abril saibam opor à sangrenta violência reaccionária a serena e justa violência revolucionária. E a maioria esmagadora do povo que o exige e que com eles se mantém unido e actuante até à vitória definitiva.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO
(In «Diário de Lisboa»)

FIM DE SEMANA

. 69

1.1. Na impaciência, que devora a maioria, o saneamento da função pública tarda a ser feito.

Em certa medida compreende-se a impaciência. Continuam na função pública, e em lugares de destaque, personalidades infinitamente gratas ao sistema de posto, que podem (e estão a fazê-lo, sempre que podem) prejudicar o andamento das reformas e da orientação que o governo pretende introduzir na administração.

Por outro lado é preciso compreender-se também que o saneamento é fácil de fazer para serviços ou instituições que se dissolvam e extingam; mas para a quase totalidade de serviços públicos que, embora com ajustamentos na função e enquadramento, tenham de manter-se, já não é tão simples um saneamento rápido, pois é preciso dispor de um número mínimo de quadros habilitados a substituir os que sejam saneados, sob pena de perturbar o funcionamento do serviço de forma mais prejudicial para a nação do que a perturbação que esses elementos podem tentar introduzir.

1.2. Mais urgente do que sanear é neutralizar.

Isso sim: o que interessa é criar um conjunto de condições que não permitam a esses elementos desafectos perturbar a evolução democrática da sociedade portuguesa.

Ora isso é que talvez não esteja a verificar-se.

E essa falta de neutralização é que pode vir a ser grave.

2.1.

Bem e avisadamente andou Nixon. Com a resignação garantiu uma pensão anual vitalícia de 156.000 dólares, creio eu, acrescidos de uns 15.000 respeitantes aos serviços prestados antes da presidência, com pensão de sobrevivência para a mulher...

Ora, se fosse demitido pelas Câmaras, ficava só com os 15.000.

2.2.

A propósito de Nixon: Nas «Actualidades da Semana» da T. V., no dia 11 de Agosto, ouvimos, uma entrevista com um senhor cronista da política internacional, que exaltava a obra da política externa de Nixon: a aproximação com a China e com a Rússia.

Discordamos do cronista. Essas aproximações não tiveram em vista a defesa da paz universal, embora esse tenha sido o rótulo («desanuvemento», como se diz); os E. U. não dão ponto sem nó, isto é, nada fazem se não em defesa do seu expansionamento económico, da sua ditadura capitalista imposta a múltiplas nações. A Rússia é um mercado atraente; a China outro, além de ser conveniente aos E. U. estar-lhe nas boas graças para defender os seus capitais no Pacífico.

Que a história da luta dos E. U. para defesa da democracia no mundo não passa do rótulo para fincar nas mais longínquas paragens a sua garra capitalista. Vejamos até o nosso exemplo: foram sempre incapazes de atacar frontalmente a anti-democracia portuguesa de Salazar e Marcelo embora vozes se levantassem por vezes no Senado e Câmara dos Representantes, mesmo a despeito da posição de Salazar durante a última guerra e a sua conhecida protecção ao Eixo; logo nos facultaram a utilização da lei de empréstimo e arrendamento, logo negociaram as bases

A EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DESENHO DE Virgílio Massingue no Salão do Casino de Espinho



Encontra-se a expor no Grande Casino de Espinho até ao próximo dia 23 o pintor, moçambicano V. Massingue.

Ao seu curriculum podemos salientar a frequência dum curso de pintura em Lourenço Marques, a partir do qual segundo o autor, se apercebeu da função interventiva das artes plásticas. Participa numa exposição colectiva em Chamanculo, realiza duas exposições individuais, uma no Centro Social de Xiphmanine e outra a bordo do paquete «Imperio» e em exposições levadas a efeito em Lisboa, Leiria, Figueira da Foz e

Genebra; em 1973 realiza uma exposição individual em Lourenço Marques e em 1974 uma outra na galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. (Lisboa).

Destacam-se várias referências publicadas na Imprensa Diária (Século, Expresso, etc.), nas quais os seus autores põem numa maneira geral em evidência, ser esta pintura uma forma de combate, e contribuição por essa via, para a conquista da liberdade e independência do seu povo.

(Continuação da pág. 10)

Esclarecimento a uma entrevista infeliz

Tendo-me ausentado de Espinho, somente agora tomel conhecimento, e ao mesmo tempo, de uma «entrevista» aparecida na revista de «Caravanismo e Campismo» e uma crítica à mesma na «Defesa de Espinho».

Sinto profundamente o acontecido, e é com espanto que verifico o que se pode fazer de uma conversa livre e informal entre várias pessoas. De uma conversa a que se pretendeu dar o ar de entrevista, e onde a confusão prevalece na maior parte das perguntas e respostas.

Fui abordado pelo Director daquela Revista, que me falou do mau estado do Parque de Campismo de Espinho, dizendo-me a certa altura que estava mesmo na disposição de intervir junto das autoridades no sentido de o encerrar. Entendi ser melhor explicarmo-nos pessoalmente, em face da gravidade do caso. Antes porém tive conhecimento no próprio Parque de Campismo de uma visita no mês de Maio e outras posteriores por vários senhores da Federação de Campismo, e ainda a seguir, um senhor da Direcção-Geral de Turismo, de Lisboa.

Limitar-me-ei a dar alguns exemplos das contradições e da confusão da tal «entrevista» de cujo «arranjo formal» não me cabe qualquer culpa, dado que não me foram dadas quaisquer satisfações sobre o seu «planeamento» tanto do arrazoado como do arranjo e montagem fotográfica, de legendas, etc.

Houve uma determinada intenção, que para o leitor resulta naquilo que o

(Continua na pág. 6)

(Continua na pág. 2)

URBANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO

A nível nacional continua-se a tenta ordenar, recentemente, o problema da urbanização existente em todos os quadrantes do País. Chegou-se à triste conclusão de que a urbanização praticada era, em grande parte, fruto das conveniências de influentes e da corrupção de alguns mandões sem escrúpulos que prevaricavam cientes de que mal algum lhes acontecia. No nosso concelho continua a viver-se um mal estar generalizado dada a ambiguidade seguida na aprovação de projectos pela Secção Técnica e pelo arquitecto urbanista consultor da nossa Câmara.

Para não enumerar casos em que se verifica uma manifesta bivalência de critérios adoptados frisamos no entanto que a política de proibição de construção em zonas por urbanizar continua e continuará, e toda uma série de autênticos entraves nos mais variados aspectos, levamos a registar que o trabalho dos Técnicos responsáveis é positivamente considerado, pela referida Secção, uma coisa presente, não para apreciar mas para procurar os defeitos que justifiquem reprovação ou condicionamentos.

Faz muita falta um Gabinete Técnico em Espinho onde trabalhe um arquitecto permanente! Mas enquanto ele não existir tem que haver um sistema absolutamente diferente

do dos últimos anos. Os Técnicos, formados nos mesmos locais que os Técnicos camarários, não deviam ser humilhados como muitas vezes o são. As relações humanas a níveis de cursos superiores, têm que passar a ser produtivas. Dialogue-se com os responsáveis quando isso for necessário, em todos os sentidos...

E eliminem-se de vez os despachos irrecorríveis, os projectos na espera meses ou anos e as picuinhas irrisórias. Mas, claro, cumpra-se a LEI. E atenção, não se deixe fugir para outros concelhos as construções que aqui podem ficar, como tanto já aconteceu.

No aspecto da construção continua a verificar-se por parte de alguns especialistas do ramo, a prática de preços especulativos nos materiais de primeira necessidade, como o ferro e o cimento. As facturações são feitas legalmente, mas os fornecimentos só são viáveis mediante uns escudos a mais. Os empreiteiros não têm alternativa. A pararem as obras e terem as despesas com o pessoal, a colaborarem na especulação, preferem esta. E naturalmente ainda ficam obrigados. Mas manter-se a situação é que não está certo.

J. J.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Setembro de 1974, lavrada de folhas 82 verso a 84 do livro de notas para escrituras diversas B-número 38, deste cartório notarial de Espinho, os senhores ARMANDO BRITO DE OLIVEIRA, MANUEL AUGUSTO GOMES DE AZEVEDO e FERNANDO DE OLIVEIRA MARTINS, todos casados e residentes nesta cidade de Espinho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «AZEVEDO, BRITO & MARTINS, LIMITADA», e tem a sua sede na freguesia de Silvalde, deste concelho, e a sua duração é por tempo indeterminado.

Parágrafo único — Por simples deliberação da assembleia geral, a sede social poderá ser deslocada dentro da mesma localidade.

Segundo — O seu objecto é o comércio e indústria de serralharia, móveis metálicos e candeeiros, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 150 000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Armando Brito de Oliveira, com uma quota de 50 000\$; Manuel Augusto Gomes de Azevedo, com uma quota de 50 000\$00; e Fernando de Oliveira Martins, com uma quota de 50 000\$00.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

Sexto — A representação da sociedade em juízo ou fora dele, será feita pelos sócios que desde já são nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envolvam responsabilidade para a sociedade, terão de ser firmados por dois gerentes.

Parágrafo segundo — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras

SESSÃO PÚBLICA DE ESCLARECIMENTO SOBRE O COMBATE À POLUIÇÃO E À PROFILAXIA DA CÓLERA

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho vem, publicamente, manifestar o seu regozijo pelo elevado espírito cívico — revelado numa participação viva — demonstrado pela assistência na Sessão Pública levada a efeito no passado dia 17.

Agradece também a todas as entidades que colaboraram na realização da referida Sessão e especialmente a todos aqueles que com prejuízo dos seus tempos livres tão empenhados andam nesta obra humanitária.

E, perdoem a insistência, mais uma vez apela para toda a população no sentido de seguir escrupulosamente as instruções sobre os cuidados a ter contra a Cólera.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho

de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em pessoas estranhas à sociedade ou nos seus consócios, sendo necessária a autorização da sociedade quando em pessoas estranhas à mesma.

Parágrafo quarto — Os gerentes são dispensados de prestação de caução e terão a remuneração que for fixada em assembleia geral.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade não se dissolve, mas continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e o representante legal do interdito.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 13 de Setembro de 1974.

O Ajudante do Cartório

José dos Santos Sil

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

FIM DE SEMANA • 69

(Continuação da pág. 1)

dos Açores, etc. E cá introduziram os seus capitais, as garras do I. T. T.

Ora o cronista entrevistado pela TV. esqueceu-se de citar na gloriosa política externa de Nixon, a escalada da intervenção no Vietname, no Cambodja, a acção da C. I. A. nas jovens democracias na América do Sul e sua substituição por ditaduras atentas e veneradoras aos capitais americanos, de que é o mais infeliz exemplo o infeliz Chile, ou na Grécia (1964) ou em Chipre (1974), contra um Macários eleito por 95 por cento dos cidadãos, etc., etc., etc.

3.

Li no «Jornal de Notícias», hoje Valbom é um foco de cólera pela falta de sanidade.

NOTA: Por manifesta falha de impressão saiu incompreensível o segundo parágrafo do N.º 2 do Fim de Semana — 68.

Eis o seu texto real:

Somente uma romagem de silêncio ao seu túmulo em que cada um levasse apenas uma flor.

V. L.

A saúde pública

Sessão de esclarecimento promovida pela Câmara Municipal de Espinho

No último boletim de Informação Interna publicado pela Secção Regional do Porto da Ordem dos Engenheiros tomamos conhecimento da realização por parte daquele organismo, do Congresso Nacional sobre Degradação do Ambiente Português e Combate à Poluição. Refere que no Congresso os textos abordaram diversos temas entre os quais se distinguiram os relacionados com os aspectos económicos da luta contra a poluição e intervenção legislativa do Estado na protecção do ambiente e não deixa de assinalar que o aparecimento e a transmissão do surto de cólera no nosso país, vem demonstrar plenamente, e confirmar os graves problemas de poluição, pois que a cólera é um indicador seguro de que existem ambientes mal-sãos e graves carencias.

Sabe-se também que a Ordem dos Engenheiros se propõe patrocinar campanhas de esclarecimento popular relativamente ao tema que atrás se refere, discutido no Congresso, e que começou no Distrito de Aveiro com essa meritória actividade.

Foi, pois, com interesse que nos deslocámos, na passada terça-feira à noite, ao salão nobre de «O Nosso Café» correspondendo ao convite que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho fez aos seus municípios para assistir a uma Sessão Pública de Esclarecimento que sob o patrocínio da Ordem dos Engenheiros, iria ocupar-se da «Luta contra a poluição» e da «Profilaxia da Cólera» e na qual participaram engenheiros sanitários e outros técnicos.

Em parte a nossa expectativa foi iludida quando antes de começar a sessão se anunciou que os engenheiros sanitários não estariam presentes por motivos de força maior e de última hora! Valeu que outros técnicos presentes subiram dar à reunião o interesse que ela justificava.

Assim, começou por constituir-se uma mesa para dirigir os trabalhos, tendo o representante da Câmara Municipal convidado para presidir o representante da Delegação de Saúde, Dr. António Pinto, primeiro interveniente na sessão e que se ocupou da sintomatologia da cólera.

Deve ter razão o cronista.

Chovia torrencialmente e pelas ruas, em declive mais ou menos acentuado, havia um cheiro a fossa nauseabundo.

Depois explicaram-me: quando chove, aproveitam a maré para despejar as fossas para a rua...

Quando não chove devem fazer o mesmo, pois não podem ficar com a bodega em casa.

Sabendo-se que Valbom é um dormitório, do Porto pergunto: Como é isto possível? Que autoridades sanitárias há há naquela terra? Neste país?
15.8.74

Vasco Luís

Depois participou a sra. enfermeira Moreira da Costa que focou os muitos cuidados que há a seguir para a população se defender da tão nefasta epidemia. Referiu que nos meios rurais o problema é mais grave não só devido à falta de consciencialização das populações mas também à falta de estruturas sanitárias; alertou o facto da existência de dois focos que podem ser muito perigosos, localizados no Rio Largo e na Ribeira de Silvalde, cujas águas bastante poluídas devem ser evitadas e onde se vêm muitas crianças a tomar banho; chamou a atenção para a defesa das moradias, nos meios rurais, contra as moscas e outros insectos, sugerindo que se utilizassem redes, principalmente nas portas das cozinhas.

Um outro ponto focado pela enfermeira Moreira da Costa, que reputamos de muito interesse, diz respeito aos serviços de limpeza das povoações. Sabendo-se da falta de meios, humanos e materiais, com que a Câmara Municipal se debate para enfrentar o problema, sugeriu aquela participante na sessão, que seja a própria população a colaborar na limpeza da cidade e das freguesias. Se cada um dos habitantes se responsabilizar, ao menos, pela limpeza dos passeios à frente das suas casas, teremos com certeza uma maior higiene pública e o que é muito importante, menos probabilidades de a cólera encontrar campo livre para avançar.

Depois interveio o Engenheiro Conceição Tavares, que representava a Direcção de Urbanização de Aveiro, e que também não deixou de colaborar na sessão focando essencialmente o problema das zonas rurais onde a má localização de fossas, a sua deficiente construção e até inadequada manutenção, podem constituir focos infecciosos extremamente graves para a saúde pública.

Seguiu-se um animado período com intervenções de algumas pessoas presentes, inquirindo e dando até sugestões, para um melhor esclarecimento dos cuidados a ter nos dias de hoje com vista a evitar-se o desenvolvimento de doenças, particularmente a cólera, tão nefastas para o bem estar das populações.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Mais uma vez até quando senhores da C. P.?

Ainda há bem pouco tempo noticiámos um desastre na fatídica passagem de nível do bairro Piscatório e, infelizmente, temos já a assinalar mais outra tragédia. No passado dia 13 foi colhido mortalmente, Silvério Pereira Americano, de 49 anos, que residia no bairro Piscatório.

Desta vez, segundo o que apuramos, não haveria guarda que valesse, pois a vítima atravessava forte depressão nervosa.

Serve no entanto o triste acontecimento para gritar, num grito de sangue e lágrimas, às «orelhas moucas» da C. P. (será que esta não tem cabeça?) que se impõe a solução, o afastamento dos perigos duma passagem de nível sem guarda no local em causa.

Quantos desastres serão precisos mais para a magistratura C. P. ordenar o que se impõe há muito?

Digam-nos, por favor, senhores mandatários da C. P., o que há a fazer para conseguir desse serviço público, o respeito que lhe deve merecer a vida humana e a consideração por toda uma cidade inteira.

CARRO CONTRA MOTORIZADAS

No dia 15, no cruzamento das ruas 28 e 33, o carro conduzido por José Alfredo Alves Carneiro, residente na rua da Rasa, de Vila Nova de Gaia, embateu (ou vice-versa) com as motorizadas de Manuel Nunes de Almeida e António Pereira Vendas Júnior, ambos de Moselos, Feira.

Rescaldo do acidente: serviço para o bate-chapas, como é da praxe, e, o que é pior, ferimentos de maior numa passageira que acompanhava o condutor duma das motorizadas.

DO HOSPITAL

Movimento Hospitalar de 10 a 17-9-74	
Internamentos gerais	45
Exames radiográficos	199
Crianças nascidas	20
Intervenções Cirúrgicas	
Oftalmologia	1
Cirurgia Geral	10
Otorrino	1
Serviço de Urgência	
Homens	264
Mulheres	274

Internados entre outros:

Emília Mimosa Silva Pereira Castro, de Paços de Brandão, para Obstetrícia; Suzete Pereira Baptista Oliveira, de Meladas — Lamas, para Obstetrícia; Justino Rodrigues da Silva, de Silvalde — Espinho, para Medicina.

Colabore para uma cidade limpa

FESTAS DA SENHORA DA AJUDA

Cumprindo a tradição lá tivemos nós mais uma edição da romaria da padroeira dos pescadores de Espinho. Este ano, dentro da maré de renovação que se atravessa, a festa foi deslocada para a rua 20, a principiar na rua 19 e a terminar na rua 33. O largo, quase nas traseiras da igreja, foi transformado num autêntico «Luna Park» com pistas de automóveis, barracas de matreco, carroceiros e até lá estava a misteriosa barraca dos «Segredos da Natureza»...

Doce da Teixeira, nozes, regueifas, etc... sem esquecer as louças de Barcelos cada vez mais «lindinhas», enfim, nada faltou contando com a precisão no domingo e a feira das cebolas na segunda-feira.

A findar esta crónica tradicional devemos acentuar e marcar que a festa encontrou o seu melhor sítio.

CONTAS COM A POLICIA

Foram presos e condenados pelo Tribunal:

Manuel Ferreira de Oliveira, residente no lugar da Igreja de São Paio de Oleiros, por ter furtado vários artigos no supermercado «Novo Horizonte» desta cidade.

Valdemar da Silva Dias, residente na Fonte do Loureiro, de Silvalde, por injúrias e desobediência à autoridade.

Deolinda Domingos do Couto, do lugar de Pitança, Nogueira da Regedoura, também por desobediência a um agente da polícia.

MAIS UMA...

Mais uma motorizada que por novas mãos irá conhecer outras terras, mas em prejuízo de Manuel Augusto Lei, de Silvalde, que participou à Polícia o furto do seu meio de transporte, registado na C. M. de Espinho sob o n.º 1 — ESP. — 70 — 78.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Pedro Emanuel, filho de Pedro Joaquim Oliveira Andrade e de D. Noémia da Silva Andrade Oliveira;

Luís António, filho de António Carlos da Costa Cruz e de D. Maria Gabriela Freitas de Macedo Mota Cruz;

Maria Margarida, filha de António Albino de Sousa Ferreira e de D. Maria Cuiomar Ferreira Pinto.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

Preciosa Pinto Sequeira, solteira, de 77 anos;

Maria de Pinho, de 72 anos de idade, solteira;

Maria da Soledade Soares Valente, de 70 anos de idade, viúva de Miguel da Silva;

Na sua residência nesta cidade, faleceu a sra. D. Emília Constante Pereira, viúva do sr. Manuel Rodrigues Pereira mãe dos srs. José Constante Pereira e dr. Augusto Constante Pereira;

Também nesta cidade faleceu o sr. Eduardo Pinto de Almeida, pai dos srs. José Teixeira de Almeida e Abílio Teixeira de Almeida, sogro das sras. D. Leonilde Luísa da Silva e D. Maria José Soares da Silva.

EM ANTA:

Rosa Domingues, solteira, de 80 anos de idade, tia do sr. dr. António Pereira Pinto.

CONCERTO PELO ORFEÃO DA MADALENA

Realizou-se no passado dia 10, no Salão de Festas do Grande Casino de Espinho, mais um espectáculo musical integrado no XI Festival de Música. Exibiu-se o Orfeão da Madalena, agrupamento que, já com honrosas tradições, tem vindo a exercer desde 1969 uma actividade notável, à qual não é estranha a entrada do Maestro José de Castro para a direcção do grupo coral. Entre os seus últimos êxitos conta-se a «tourné» feita em Inglaterra onde obteve uma honrosa classificação no «Llangollen International Musical Elstedford», além de favoráveis referências da crítica britânica.

Na primeira parte escutaram-se vários trechos numa execução perfeita do coral, que apresentou um equilíbrio de vozes perfeito. Os dois últimos números, respectivamente «Steal Away» e «Joshua fit the battle of Jericho», espirituais negros, que já tinhamos escutado no ano transacto na actuação do mesmo orfeão em Espinho, foram executados com uma diferente e mais complexa distribuição de vozes, o que veio enriquecer a sua execução, apesar de a tornar mais difícil.

A segunda parte constava de 19 números da obra «Carmina Burana», de Carl Orff. Orff realizou esta composição, baseado no cancionero medieval, do mesmo nome, donde escolheu 24 cantos que achou terem uma linha condutora comum, arranjando-os e harmonizando-os com o seu inegável talento. Daqui resultou uma obra maravilhosa, que cativa e empolga durante a sua audição o espectador mais leigo no campo musical. Originalmente escrita para coro e orquestra, «Carmina Burana» foi executada na perfeição pelo Orfeão da Madalena com piano que ficou a cargo de Jaime Jorge da Mota, pianista já conhecido do público espinhense. Os solos foram executados por Carolina Carneiro, Viriato Santos e David Ruela.

No final do espectáculo, o público aplaudiu demoradamente a actuação do Orfeão da Madalena, compensando assim os esforços de todos os executantes, além do activo maestro José de Castro, em produzirem um bom espectáculo musical.

Quanto a nós foram muito bem sucedidos.

★

CONCERTO PELA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO

Exibiu-se no dia 16, no Salão de Festas do Grande Casino de Espinho, a Orquestra Sinfónica do Porto no seu já habitual concerto integrado no XI Festival de Música.

Sob a direcção do maestro Gunther Arglebé, executaram-se obras de Rossini e Schubert, na primeira parte, e de Strauss, Borodine e Dukas, na segunda parte.

A orquestra teve uma actuação não muito feliz, mormente nos trechos de andamento mais rápido em que primou pela dessincronização de execuções, especialmente por parte dos violinos.

Os dois últimos trechos, «Nas estepes da Ásia Central» e «O aprendiz de Feiticeiro» respectivamente da autoria de Borodine e Paul Dukas foram as obras de mais agrado e de melhor execução da orquestra.

O maestro Gunther Arglebé, de méritos musicais sobejamente conhecidos, sucedeu há pouco tempo ao maestro Silva Pereira na direcção da orquestra. Esperemos que possa com o seu valor elevar o nível de execução do agrupamento o mais rapidamente possível, para bem do ambiente musical nacional.

O público, sempre numeroso quando se trata dum concerto por uma orquestra, aplaudiu no fim os executantes. Ficamos com pena que a Orquestra de Câmara Gulbenkian, que constituía o 1.º concerto deste Festival, não se tenha exibido, pois daria oportunidade ao público espinhense de apreciar a melhor orquestra nacional, quanto a nós. Infelizmente, isso não foi possível, mas esperemos que para o próximo ano seja uma certeza a vinda da orquestra Gulbenkian a Espinho, sem que seja efectuada outra greve...

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 21 — FARMACIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Amanhã, domingo, 22 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 92032A
Segunda-feira, 23 — GRANDE FARMACIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920320.
Quarta-feira, 25 — FARMACIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331
Quinta-feira, 26 — FARMACIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Sexta-feira, 27 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 21 — CONDENADOS A VIVER, com Robert Hundar e Ema Copen — 18 anos.

Amanhã, domingo, 22 — TCHAL KOVSKY, com Richard Chamberlain e Glenda Jackson — 18 anos.

Segunda-feira, 23 — HEROIS DESCONHECIDOS, com George Hilton e Klaus Kinsky — 18 anos.

Terça-feira, 24 — O CONTACTO DE SALZBURGO, com Barry Newman e Anna Karina — 18 anos.

Quarta-feira, 25 — O ÚLTIMO COMBOIO, com Jean Louis Trintignant e Rommy Schneider — 18 anos.

Quinta-feira, 26 — POR FAVOR, NÃO ME GASTES O PERFUME, com Keit Barron e Philippa Gail — 18 anos.

Sexta-feira, 27 — VIDAS CRUZADAS, com Rod Taylor e Carol White — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 21 — ULISSES, com Kirk Douglas e Silvana Mangano — 10 anos.

Amanhã, domingo, 22 — LUTRING — O GANGSTER APAIXONADO, com Robert Hoffman e Lisa Gastoni — 18 anos.

Segunda, 23 — DESCULPE, VOCE CONHECE O SEXO?, de Vittorio de Sisti — 13 anos.

Terça, 24 — CERVEJA PARA TODOS, com Bob Hope e Gina Lollobrigida — 10 anos.

Quarta, 25 — OS VORAZES, com Helmut Berger e Françoise Fabian — 18 anos.

Quinta, 26 — UM HOMEM CHAMADO NOON, com Stephen Boyd e Rosanna Schiaffino.

Sexta, 27 — SEGREDOS PROIBIDOS, com Jacqueline Bisset e Per Oscarsson.

Ministério da Economia
Secretaria de Estado da Indústria
Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis; Faço saber que DOMINGOS ALVES RIBEIRO pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de Gasóleo com a capacidade aproximada de 6100 litros, sítio ângulo da Rua 33 e Avenida 2, freguesia e concelho de Espinho distrito de Aveiro. E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 60-3.º Dto., no Porto.

Porto, 20 de Agosto de 1974.

O engenheiro-chefe da Delegação,

F. N.

Artur Mesquita

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

● MÚSICA DE BAILE ●

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

● VARIEDADES ●

— IRENE BEL SHOW (Ballet Inglês)
— PASQUALUCCI AND PARTNER (Fantasistas musicais italianos)
— BOB Y MARION (Acrobatas ingleses)
— MARIA DE LIS (Cançonetista Portuguesa)

● RESTAURANTE ●

Jantares concerto — Esmerado Serviço

SALÃO RESTAURANTE * SLOT-MACHINES

● CINE-TEATRO ● Sessões todos os dias ●

TARDE INFANTIL

— No Salão de Festas — Sábado, 21 de Setembro, 17.30 —

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações
BOM GOSTO E SIMPATIA
ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS
OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS
RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE
* * * *

GIRASSOL

RUA SÁ DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATAS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA À BRASILEIRA

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil -
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet» -

Telefone 920303 — ESPINHO

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para
transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

VENDE-SE

Prédio com quintal, com rua na
frente e trazeiras, no cimo da
rua 19 — a 150 metros do
Liceu de Espinho

Trata o telef. 967722

VIDA REGIONAL

Anta

OS NOSSOS «BURACOS»

Um dia do mês de Agosto. Entardece. O Poente está rubro. O sol parece uma chávina tendo por pires o imenso oceano. Foi-me pedido para telefonar aos nossos Bombeiros. Havia um bichano no topo de um poste de madeira com dificuldades de descida. A vassoura de uma vizinha zurzida a seu tempo teria motivado a fuga enlouquecida do bichano pelo poste arriba. Quis saber a história da família que acarinhava o Tareco, por notar tanta ansia no pedido de socorro. A senhora contando já sessenta e tantos anos. O senhor com os mais ou menos anos, acamado, tratado pela esposa já com muitas dificuldades em movimentar-se. A senhora tem vivido o seu mundo partilhando o amor do seu marido e o carinho aos animais domésticos companheiros do seu dia a dia. Há nesta dedicação aos bichanos, que são bastantes na sua casa, a falta dos netinhos que encheriam a sua serena passagem por esta vida. A vida de um bichano em apuros doi-lhe na carne. A atitude tomada pela senhora foi dirigir-se ao telefone de uma pessoa amiga. A ligação foi efectuada para os Bombeiros Voluntários Espinhenses. Atendeu outra senhora que solicitou o número de associada da Corporação. A senhora vem a casa no seu passo perigoso. Mais uma olhadela ao bichano que continuava no seu incómodo poiso. Mais um suspiro e um coitadinho do meu bichinho. Regresso de novo ao telefone. Nova ligação a informar o número de associada. Depois disto a senhora ouve a resposta à sua aflição. Agora não se pode estar com isso, diz, logo se os rapazes quiserem pode ser que vão aí. Eu estava preparado para solicitar a presença de um amigo com uma pequena escada para tirar o bicho do poste. Não tive tempo, porque quando ia tentar a solução, um vizinho, amigo do casal, compadecido com a aflição da senhora, que além desta desgraça tinha ainda o marido acamado a quem não queria dar a perceber o que estava a acontecer, resolveu o problema com uma vara comprida fazendo com ela desequilibrar o gato levando-o a cair desamparado no solo. A senhora deu um grito e café também, tal como o bicho, embora a altura menor, claro. Este acto foi praticado após ser conhecida a resposta dos Bombeiros. O «buraco» é evidente. Algo está mal e não é concerteza a atitude da senhora, dona do animal seu amigo. O que também é evidente é o facto de existirem, no efectivo daquela Corporação, BOMBEIRAS, pelo menos assim parece... e nesse caso terei que realçar a bravura feminina e o bom senso da Corporação que se propõe doutriná-las. E falando-se em doutrina não deixo de recordar que todos nós podemos ter um incêndio em casa e contactamos com a certeza de termos perto os nossos Bombeiros assim como recorremos ao mesmo remédio quando temos outras aflições. Esta doutrina é simples e cada um de nós sabe que ao contribuir monetariamente para os Bombeiros está a fazer um pequeno seguro em seu quase proveito. Assim sendo será difícil convencer a senhora que não tinha o direito de ter sido assistida por eles quando os chamou, nem tão pouco ser tratada como o foi. Tentemos todos ajudar o nosso próximo com o que pudermos, pois talvez deste modo se consiga também dar vantagem aos Bombeiros, facilitando-lhe meios de obter uma pessoa que saiba atender outra ao telefone.

ERRO

Paramos

TRANSPORTES PÚBLICOS

Aproxima-se o início das aulas e adivinha-se já a repetição das consequências que as crianças estudantes desta freguesia, e não só, voltarão a sofrer pela forma menos eficiente como estamos servidos de transportes públicos.

A maioria dos estudantes procuram utilizar as camionetas da Auto-Viação de Espinho, cujo horário mais se aproxima da entrada nas aulas. No entanto, verificava-se com relativa frequência que algumas crianças eram impedidas de utilizar esse transporte por forma a não perderem aulas, porque as camionetas nesta localidade, algumas vezes, vinham com a lotação esgotada e o desdobramento não se realizava.

Sabemos também que, em especial aos dias de feira, outros utilizadores esperam durante horas por um lugar nas camionetas e muitas vezes chegam ao ponto de perder a paciência e mesmo a actuarem de forma a que ninguém chega a ser beneficiado, como teria acontecido em 16 do corrente, em que foi, necessariamente a P. S. P. amenizar uma dessas situações em que todos julgavam ter e certamente ninguém tinha razão.

«Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão».

Mas a verdade é que já existiu transporte para todos, no tempo em que outra empresa também servia esta zona, mas isso acabou certamente porque foi entendido que a Auto-Viação de Espinho bastava para nos servir eficientemente. Será bom que isso mesmo passe a acontecer, para que a empresa corresponda ao que dela se esperava e necessita, de contrário poderá pensar-se que a Auto-Viação de Espinho se esquece de que precisam ser servidos aqueles que a servem.

RIO DE PARAMOS

Finalmente as autoridades respectivas estão a providenciar para que os entestantes do rio façam as necessárias limpezas.

Satisfaz-nos dar esta notícia e espera-se que essa limpeza seja eficiente, em todo o percurso do rio até à lagoa, para que não tenhamos de voltar a lamentar-nos.

Domingos Monteiro

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

PASSA-SE

Loja bem situada para qualquer
negócio. Rua 16 n.º 775

Telefone 921079 — ESPINHO

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

**Colabore
para uma cidade limpa**

**A DEFESA precisa
de mais assinantes**

PORTA ABERTA

O SR. ARQUITECTO PROJECTOU: DEMISSÃO OU SANEAMENTO!

1. Vivas felicitações. Uma revoada de aplausos. Umas e outras para o artigo do último número da «DE»: «Uma entrevista infeliz!»
 Infeliz? Infelicíssima! Alienatória! Um bravo para o autor (do artigo, claro).
 2. «DE» antecipou-se-me. Magnificamente. No entanto, eu não posso ficar calado sobre a verborreia dessa célebre entrevista.
 3. Se o luminar sr. arquitecto conseguiu a. quitectar aquele blá-blá todo, autêntica diarreia mental, quiçá devido a surto colérico, não há dúvida... estamos bem servidos de mentor turístico cá do burgo! Rico exemplar! Que sorte malfadada tem Espinho! Caramba!
 4. O (i.) responsável pelo turismo! E, pelo visto, vem cá. Vem cá? Nas horas vagas? Como é? Então em Espinho não há gente válida, a habitar aqui, capaz de preencher (bem melhor, ao que se vê) o lugar? Ou para o cargo é obrigatório te. «curriculum» pidesco?
 5. O jornalista, inencionalmente, terá aproveitado aquele verdadeiro vomitório de ideias confusas, para explorar o entrevistado e o assunto. Podia ter dourado a pílula e evitado de transcrever o que o gravador lhe ditou. Mas... as pessoas, para mais com cargos de responsabilidade, são ou não idóneas para saberem o que (e como) devem dizer?
 6. De resto, já tínhamos tido um ameaço arquitectal. Lembra-se da sessão pública de esclarecimento da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho no Teatro S. Pedro? Lembra-se do Chico Tavares ter acusado um sujeito de o ter insultado, enquanto expunha ideias e fazia perguntas? Já era o sr. arquitecto! Lá porque não gostou das perguntas, e embora seja democrático, zás, insulta. In sultou, mas depois emendou-se. Quando o Chico Tavares reagiu e a sala fez um bruí. Meteu a viola no saco!
 7. Aliás, o sr. arquitecto até arquitecta fantasmas. Segunda a sua (esplendorosa) entrevista, arquitectou reaccionários espalhados pela sala do S. Pedro, quando da sessão. Reaccionários? Estivemos lá e não topamos. Reaccionários? Ah, sr. arquitecto, quererá referir-se às pessoas que não dizem «amen», querem dialogar, ser esclarecidas?
 8. Terá tudo de dizer «amen» agora? Mas, isso não era antigamente? Pelo prisma arquitectal, quem não aplaudir, por exemplo, as suas notáveis patacuadas na entrevista, será reaccionário?

9. E com respeito ao alienatório futebol (que se pratica nos países socialistas e comunistas mais desenvolvidos, sabia?), o sr. arquitecto toma-o de ponta. Como membro da C. A. da C. M. E. o sr. arquitecto devia ter discordado, publicamente, durante a sessão, da dádiva dos 300 contos! Fê-lo? É o fazes! Demitiu-se? É o demites! Nem explicou onde os foram buscar. E a pergunta surgiu e ficou sem resposta. Porquê? Porquê? Porquê, se a gestão camarária é totalmente aberta aos cidadãos? Onde estava o sr. arquitecto nessa sessão? Ah! A insultar quem não ia à missa dele!
 10. Tinha-se demitido, para demonstrar a sua coerência com a linha de pensamento expandida na entrevista «best-seller», e evitava duas infelicidades: a do palco e a da entrevista!
 11. Dissecar tanto disparate é impossível e seria perder tempo. O conteúdo válido que tem, atola-se no lamaçal de tamanho asneiradotório. Só vale a pena lê-la para se ver como o sr. arquitecto se projecta em evidência! Triste evidência!
 12. Queremos mudar para melhor. Por isso houve o 25 de Abril. Não queremos virar para pior. O povo é quem mais ordena? Foram homens deste calibre, desta (ir)responsabilidade, desta envergadura, que nós (?) elegemos(?) para (des)orientarem os destinos da terra. O valha-nos Deus!
 13. De resto, tantas dificuldades, tantas justificações, tanta falta de tempo... Quem o mandou aceitar o cargo? Quem?
 14. Solução? O sr. arquitecto já a projectou. Com a sessão e com a entrevista. Tem duas alternativas: demissão ou saneamento! A primeira, permite-lhe a saída airoso. Será um acto de contrição. Azares, todos podem ter. Ele teve logo dois. E de que tamanho! Se o reconhecer, demitindo-se, aplaudimos. Reconhecer erros é nobre!
 15. No caso de não ser o caminho escolhido... SANEIA-SE! Faz-se uma sessão pública, lê-se a entrevista e o povo pronuncia-se, ditando a sentença. Queremos gente responsável e com envergadura nos lugares fulcrais da terra! Para isso houve o 25 de Abril!
 16. E a entrevista, e a sessão no Teatro S. Pedro, já explicaram suficientemente bem que não é possível CONSTRUIR o FUTURO esperado com PROJECTOS e REALIDADES de certos ARQUITECTOS!

14.9.74 CARLOS SARRIA

ESCLARECIMENTO A UMA ENTREVISTA INFELIZ

(Continuação da pág. 1)

«crítico» da «Defesa de Espinho» diz: perda de tempo.
 Vamos pois a alguns exemplos: quando falo em «Auto-Plano» aprovado (da cidade), chama-lhe o entrevistador Plano, referindo-se a um «ante-projecto» de Solverde. Quando falo da Quinta do Mochinho, faz confusão com o pinhal da rua 33, em Silvalde e chama-lhe praça ajardinada. (pág. 26).
 Fizem-se períodos com respostas minhas a assuntos e pessoas diferentes, dando a nítida ideia de uma conversa destrambelhada.
 Quando digo que sou campista, responde-me o «entrevistador» que eu tinha dito que «era um novo funcionário» (página 33).
 Qual o objectivo disto tudo?
 Quando se fala numa Quinta densamente arborizada em Paços de Brandão, é tal a confusão, que parece haver eu pretendido dar solução para o Parque de Campismo de Espinho, e fazê-lo na tal Quinta. Só com muita má fé se pode concluir tal coisa. Quando digo que a Câmara não tem dinheiro para comprar terrenos em Silvalde (para pôr em execução o anteprojecto existente na Câmara e de que se não fala na «entrevista», mas da existência do qual informei o Director daquela revista), cabe-me a culpa não se ter falado na existência do anteprojecto do novo Parque em Silvalde? Não me cabe responder às ideias políticas de outros. A conveniência é uma coisa e a verdade é outra. Porque não misturar mesmo política com campismo?
 É pois justa a crítica do «crítico» da Defesa de Espinho? Vejamos: várias vezes me referi a que morava em Anta, mas não o dissera na «entrevista», e como

não está lá explicadinho, o «crítico», resolve gozar chamando-me «luminoso», cansado e outras coisas mais. Pergunto? Ele não sabe (mesmo sem estar lá escrito) que moro em Anta? E quando digo que vou lá (a Espinho) pois com certeza que quero dizer vou de Anta a Espinho!
 Cabe-me a culpa das coisas estarem mal esclarecidas pelos outros? Ou foi o cansaço do sr. crítico que não o deixou raciocinar?
 Também serei culpado da montagem fotográfica e das legendas?
 E ainda uma última pergunta ao Sr. Entrevistador e para esclarecimento do Sr. Crítico, onde diabo digo eu na «entrevista» que há o propósito de eliminar os desportos de elite. Repare-se que quem diz é ele (o entrevistador).
 Depois disto declaro também que não me foram dadas quaisquer provas desta pseudo entrevista. E ainda, que quanto a oportunidade ou não, devo dizer que tal acontecimento se deu em Julho e a revista saiu quase em Setembro.
 E para finalizar, dado que se me fosse permitido tempo e espaço na «Defesa de Espinho», teria que encher todo o jornal com justificações e correcções. Porque para quem não tenha pretensões a psicólogo e queira ver as coisas como elas são, e não como o Sr. Crítico pretende e, também saiba ler nas entrelinhas; poderá, com um mínimo de esforço separar o trigo do joio. Até porque a minha única intenção, ao permitir tal «entrevista», foi a de que pelo menos neste Verão não fossem encerradas as instalações do Camping de Espinho, em contraste com a avidez de sensacionalismo dos interessados da revista «Campismo e Caravanismo».

REINALDO COSTA

ECOS DO NOSSO TEMPO

O badalar da reacção

«Efectivamente, se lermos os nossos diários, se ouvirmos a rádio ou olharmos para os ecrãs da televisão o que vemos e ouvimos? Sempre o mesmo: um ataque cerrado por todas as formas e feitios ao regime fascista que terminou em 25 de Abril».
 «Por favor, senhores da rádio, da imprensa e televisão, já estamos fartos de ouvir o mesmo».
 «Senhores dos meios de comunicação social, já estamos enjoados das vossas notícias, dos vossos programas que vão sempre bater no mesmo ponto».
 «Já estamos fartos de ouvir falar do caso Watergate e da ditadura chilena».
 «... não nos falem só dos mártires da pide e do Chile... etc., etc., etc.»
 Quer dizer:
 A denúncia de todos os crimes fascistas (e muito tempo demorará a denunciá-los todos e milhares deles ficarão sem denúncia) não agrada ao boletim paroquial de S. Pedro do Sul como não agrada ao «Jornal da Beira», como não agrada à «Voz», de Oliveira de Frades, ao «Caminho», «Ecos de Bodiosa», a todos esses polos da reacção encapotada na Igreja, elos de uma máquina medieval ao serviço da opressão, da ignorância e da exploração da ingenuidade religiosa do Povo português.
 Estão fartos, enjoados!
 Estranho que nem uma palavra contra a imprensa, a rádio e a televisão fascista. Essa agradava-lhes. Claro!
 Mas julgarão eles que o Povo é parvo e não vê e não compara? «Sintra da Beira» e os demais colegas têm saudades do fascismo e por isso se compreende que tenha escrito:
 «Vivamos numa ditadura em que algo estava errado... Veja-se só esta maneira de dizer: «algo», alguma coisa... O resto estava rigorosamente certo!»

(in «VOUGA LIVRE»)

A criminalidade aumenta: Quem tem a culpa?

O aumento da criminalidade, que se verifica em todo o Ocidente, está a reflectir-se no nosso País.
 É cada vez maior o número de casos de delinquência, de que são autores principalmente os jovens. Podemos atribuir as causas de tal fenómeno à decadência crescente da sociedade capitalista, marcada pelas crises económicas, como a inflação generalizada, o desemprego, a inadaptação da juventude às fórmulas tradicionais da burguesia. Nos próprios países socialista certas camadas juvenis contestam os conceitos formalizados, assumindo manifestações reformistas de carácter revisionista. Os jovens, afinal, recusam a necessidade, quer num caso quer noutra, de amplas transformações sociais, de índole revolucionária. Alguma coisa está mal, nas sociedades vigentes. As velhas fórmulas têm de ser substituídas por outras mais avançadas.

A POLITICA DO SILÊNCIO

Antes da libertação do País, na gloriosa data de 25 de Abril, as entidades responsáveis da Polícia Judiciária escamoteavam informações à Imprensa de roubos, assaltos, burlas e outros crimes, diminuindo o número dos mesmos e o montante dos valores furtados. A política do silêncio era a norma, para que o povo se mantivesse alheio aos processos de ordem social.

AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS NÃO FAVORECEM O CRIME

Há quem atribua, no entanto, a recrudescência criminal às consequências das liberdades instituídas no País pelo Movimento das Forças Armadas (com a ampla amnistia que abrangeu grande número de condenados por crimes de delito comum) ou à desconstracção que a democracia inoculou em jovens delinquentes. É certo que já foram detidos alguns reincidentes abrangidos pela amnistia, mas só alguns, pois a maioria dos amnistiados procura uma oportunidade de regeneração, que não deve ser-lhe negada pela população e pelos empresários. Mas se há, ao que se diz, certa desconstracção dos jovens delinquentes, é porque os meios de contenção criminal não são eficazes e necessitam de ser revistos e reformados.

Quanto mais livre e próspero é um país, quanto mais regalias tem a maioria da sua população, menos criminosos se manifestam no seu seio, como é o caso das sociedades socialistas. — J. A.

(da «REPÚBLICA»)

Bispo do Porto: «é desleal o anticomunismo das folhas paroquiais»

PORTO, 14 — O Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, proferiu uma palestra sobre «A nossa tradição no futuro de Portugal», com a qual encerrou no Seminário da Boa Nova, em Valadares (Gaia), a XII Semana de Estudos Missionários.
 A assembleia colocou várias perguntas ao prelado, sobre vários problemas que afectam a Igreja, na nova fase da história portuguesa. Entre elas a que refere o teor da carta pastoral do Episcopado, que, segundo um interveniente da sessão, «pressupõe uma ideia de marxismo ultrapassado». A esse respeito o bispo declarou: «Não queremos um marxismo estéril. Há países que têm uma constituição comunista e, entretanto, deixam viver a igreja como é o caso da Polónia. A campanha que alguns sacerdotes fazem contra o comunismo através de folhas paroquiais tem que ser considerada como desleal, pois ela não pode servir como arma política. Se de facto tendem defender-se, que formem um partido e se defendam por meios políticos».

(in «DIÁRIO DE LISBOA»)

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. L.DA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES
— ESPINHO —

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

MÓVEIS — ELECTRODOMESTICOS — RADIO e TV
— IMPORTADOR — REVENDEDOR —
BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE.OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

Olé — Notícias das Touradas

UM ESPECTÁCULO DE «MÃO CHEIA». CHOVEU NA BILHETEIRA

Estava bem concebido o cartaz de festival taurino, organizado pelo Grupo Tauromáquico desta cidade em benefício dos Bombeiros Voluntários de Espinho e realizado no passado domingo, 8 de Setembro, na praça de touros Solverde.

E de lastimar, no entanto, que o público não tivesse compreendido os fins a que se destinava a receita, como ainda a intenção dos organizadores, preocupados em apresentar novos valores da tauromaquia nacional.

Julgamos ser urgente o aparecimento de novos artistas que substituam os já muitos vistos e gastos, criando a necessária competência com aqueles que ainda vão conservando algum valor artístico.

De contrário, o espectáculo perderá interesse por falta de expressão competitiva que o torne grande e digno da paixão do povo peninsular, seja qual for o credo político.

A assistência pouco numerosa não perdeu o seu tempo, graças à boa sequência de fases animadas, valorosas e artísticas dos actuantes.

Como causa do fracasso financeiro ouvimos nos corredores da praça várias versões:

Para uns, escassez de propaganda, para outros, falta de colaboração e interesse das entidades para que estaria destinado o produto líquido do festival taurino.

Não compete ao crítico alusões a factos, alheios à actuação dos intervenientes no espectáculo, cabem sim à direcção do Grupo Tauromáquico de Espinho as devidas considerações quando da publicação do Relatório sobre o resultado económico do espectáculo.

No propósito de esclarecer o público nortenho, pouco habituado à modalidade de festivais taurinos, devo elucidar que em nada se assemelham com variedades taurinas, em que são lidadas vacas, garraios ou bezerras, por toureiros cómicos ou amadores de menos responsabilidades no meio tauromáquico.

Nos festivais taurinos são lidados novilhos-touros por profissionais ou amadores conceituados, actuando graciosamente, e o produto do espectáculo normalmente é destinado a instituições consideradas de utilidade pública.

Não existe assim uma empresa exploradora, mas sim uma entidade organizadora que neste caso, um Grupo Tauromáquico, instituído com a finalidade de defender a Festa Brava, não pode esquecer, o respeito pelos requisitos de que possam resultar um espectáculo digno, dentro do que está regulamentado por diploma legal.

Observando com atenção o cartaz deste festival taurino, chegamos à conclusão de estarmos na presença de um espectáculo sério, com probabilidade de não ludibriar o público, dentro, aliás, da tradição desta praça.

Assim o demonstraram os sete bonitos e preciosos touros da afamada ganadaria do Porto Alto, quase todos ideais para a prática do toureio, tanto a pé como a cavalo, com o peso médio de 370 quilos, index usual em corridas de touros a cargo de matadores de categoria.

A lide equestre esteve a cargo de Afonso Maldonado Cortés, jovem cavaleiro com alternativa de profissional de Emídio Pinto, em vésperas de alternativa, de Carlos Empis que prestou mais uma prova de cavaleiro amador com alta classificação e de Manuel Jorge uma verdadeira promessa da arte de Marialva.

Todos eles, sem excepção, além de

cavaleiros, estiveram toureiros na preparação das sortes e cravagem dos ferros, desenvolvendo lide animada e alegre, recebendo ovações e voltas à arena.

Na lide a pé, Fernando dos Santos, correndo a mão e templando em artísticos passes em redondo e naturais de boa marca, repetiu o êxito da última corrida, demonstrando estar em plena forma na sua profissão.

Carlos Pimentel, um novilheiro de classe especial, saudou o seu inimigo com uma série de verónicas «carteleras», elegantes e de perfeita execução. Com a muleta, um senhor toureiro, intercalando passes de boa marca, parando, mandando e templando, requisitos necessários ao toureiro que quer triunfar.

José Mareco não temeu o mais difícil de dominar, com passes de muleta de boa factura, francamente prometedores de bons êxitos futuros. Mereceram todos, ovações, música e voltas à arena.

Os forçados amadores do Ribatejo e Sousel pegaram com valentia e saber, dignos dos maiores elogios, recebendo ovações e voltas à arena.

JOSÉ BARATA RIBEIRO

TRIBUNAL DA COMARCA DE ESPINHO

No dia 8 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória para venda de bens vinda do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca da Vila da Feira e que correm pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca de Espinho extraída dos autos de liquidação do activo por apenso à insolvência decretada contra António Moreira da Costa, que foi de Espinho, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido, os móveis acima do valor indicado no processo e os imóveis acima do valor que adiante se indica, os seguintes bens arrolados ao insolvente acima referido:

MÓVEIS

- 1.º — Uma mesa, um aparador e seis cadeiras;
- 2.º — Um cama de casal com colchão de rede, duas mesinhas de cabeceira, uma cómoda e duas cadeiras.

IMÓVEIS

- 3.º — Um prédio de casas destinado a indústria e habitação, composto de rés-do-chão e primeiro andar, anexo e pátio, sito na Rua 26, n.ºs 936 a 950, tendo outra casa de rés-do-chão nas traças adaptada a duas moradias e um armazém, que vai à praça pelo valor de 300 000\$00; e
- 4.º — Prédio urbano composto de duas casas para habitação e comércio com logradouro e anexo, com os números de polícia 926 e 928, sito na Rua 26, desta cidade de Espinho que vai à praça pelo valor de 130 000\$00.

Espinho, 18 de Julho de 1974.

O Juiz de Direito,
Emídio Teixeira

O escrivão de Direito,
José Pinto de Magalhães Júnior

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

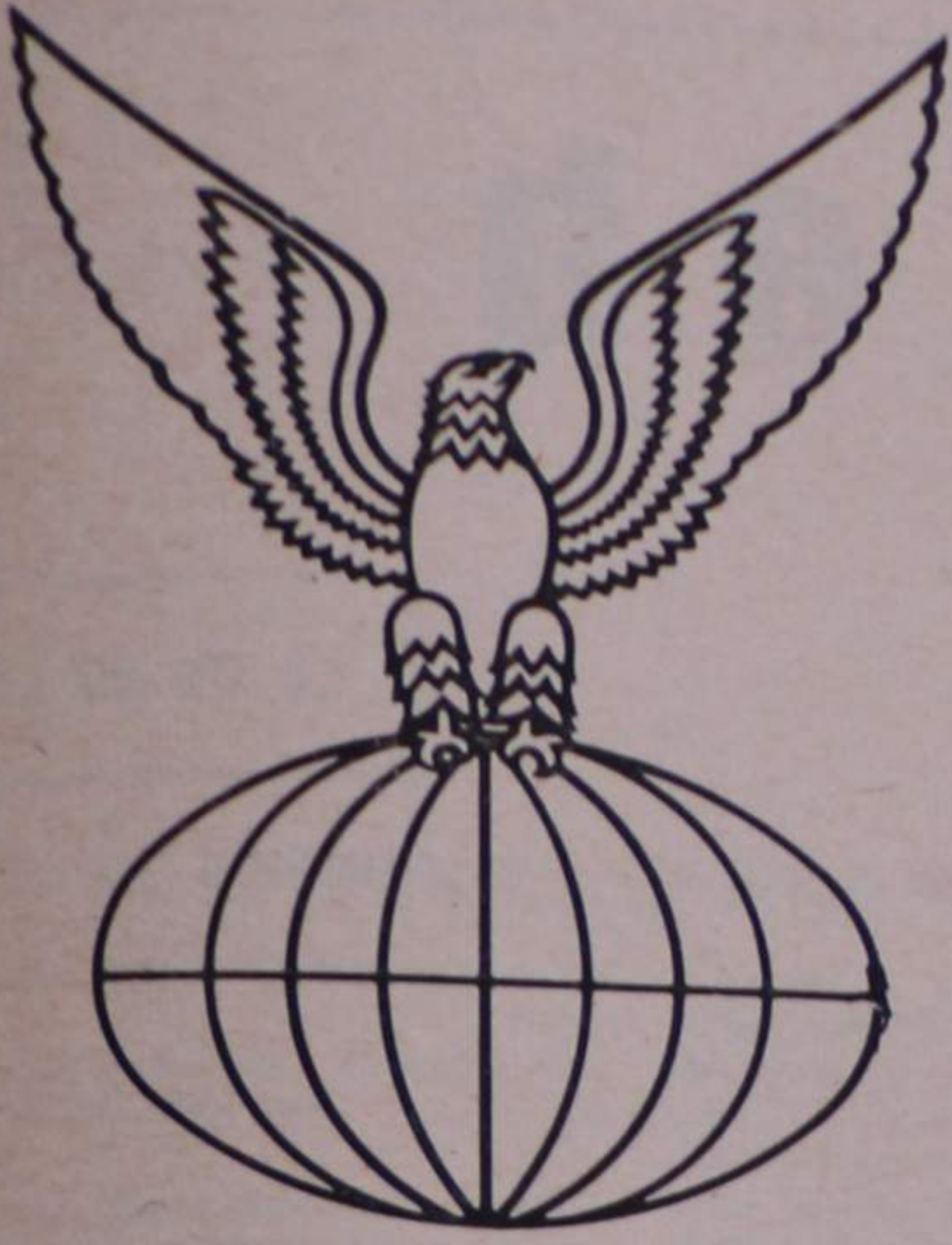
MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561



A MUNDIAL

SEGUROS

inaugurou mais

uma dependência

agora em

ESPINHO

R. 19, nº 274

C O R F I

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

C O T E S I

EUROSPUMA

Sociedade Industrial de Espumas Sintéticas, Limitada

ESPUMAS DE POLIURETANO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

COLCHÕES — ALMOFADAS

ESPUMAS PARA ESTOFOS — ESPONJAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Av. Visconde Valmor, 56/Rc.

Telefs: 768368-770583-765267

SEDE EM ESPINHO

Telefones PPCA 921839 (8 linhas)

Telegrs.: EUROSPUMA

Telex. 2257 FOAM — P.

Apartado 95



desporto



FUTEBOL

S. C. DE ESPINHO, 1 — VITÓRIA DE SETÚBAL, 0

2.ª JORNADA DA I DIVISÃO

No Campo da Avenida, repleto de público, as equipas alinharam:

S. C. E. — Anibal; Bernardo da Velha, Valdemar, Simplicio e Gonçalves; Bené, Washington e Júlio; Augusto, Telé e Malaqueta.

Marcador: Augusto, aos 45 minutos da 1.ª parte.

V. S. C. — Torres; Rebelo, Cardoso, Mendes e Carrico; Octávio, José Maria e Matine; César, Duda e Jacinto João.

Substituições: Torres, no lugar de J. Maria, no início da 2.ª parte e Câmpera em vez de César, aos 57 minutos.

Equipa de arbitragem, do Porto, chefiada por Guilherme Alves, que se estreou na I Divisão.

No último número da Defesa de Espinho admitimos que o Sporting Clube de Espinho recebia o Vitória de Setúbal numa boa altura do campeonato, pois sabe-se que os setubalenses ainda não estão naquela forma que ambicionam atingir para continuarem a ser das equipas que discutem os lugares cimeiros da classificação.

O desafio acabou por revelar que não estávamos longe da lógica pois os vitorianos não constituíram aquele conjunto que nos habituou, a praticar um futebol mecanizado, à base de acertadas trocas de bola na procura do momento ideal para o remate ao golo. Acreditamos que o terreno de jogo, campo pelado fora dos hábitos daqueles jogadores, terá tido a sua influência no seu deficiente rendimento, mas esta razão e outras que se queiram pesquisar no labor da equipa não constituem só por si a justificação da derrota setubalense. É que há causas justificativas no comportamento da equipa adversária.

Realmente o Sporting Clube de Espinho até acabou por não desmerecer do resultado que obteve pois realizando uma 1.ª parte a equilibrar o jogo setubalense, soube aliviar na parte complementar do desafio a avalanche de bolas que caíam à frente da sua baliza lançadas por uma equipa que descrente de conseguir o golo através de um futebol esquematizado, o procurava através de uma bola que chegasse à cabeça do «gigante» Torres.

É certo que na última meia-hora de jogo os setubalenses procuraram o empate com afinco e sempre num ritmo vivo, ritmo que foi possível ali porque a equipa após o intervalo foi refrescada com duas substituições. E que bons suplentes tem o Vitória.

Discutiu-se que também no Sporting Clube de Espinho se devia então fazer uma ou outra substituição na equipa. Porque é que não se fizeram essas substituições?

Só o treinador sabe responder. Se as não fez é porque ponderou a sua decisão. Trata-se de um técnico que há muito anda metido no futebol, há anos que orienta equipas sugeitas ao domínio dos adversários, pois até no Benfica isso

aconteceu quando começou a brilhar na constelação europeia, e portanto Fernando Caiado lá deve ter as suas razões, assentes numa boa experiência, para só substituir jogadores noutras ocasiões que não aquelas que aconteceram no jogo de domingo passado. Note-se que a equipa estava a jogar como um bloco, com os jogadores a actuarem sem se perturbarem uns aos outros, pelo que um suplente a entrar até talvez não conseguisse entrar com tempo para se integrar na rotina a que os seus colegas já estavam adaptados.

Neste jogo a defesa já se portou muito melhor do que em Guimarães, até porque Simplicio, um vigoroso e dinâmico atleta, e Washington, bem a desarmar (infeliz a passar) foram dois valentes baluartes à frente dos avançados sadinos. De salientar Bernardo da Velha a prometer uma boa época.

No meio-campo destacamos o labor de Júlio, que demonstra valor para actuar na divisão superior, enquanto que na frente há a apontar o esforço dos três avançados a quem se lhes reconhecem as dificuldades devidas à falta de apoio que resulta do afastamento da linha média chamada a reforçar a defesa em muitos momentos do desafio.

Esta vitória, frente a um Vitória de Setúbal sempre de temer pela sua potencialidade, servirá de poderoso estímulo para os atletas do S. C. Espinho, bem como para os seus adeptos que assim começaram a confiar muito mais na sua equipa.

O jogo foi correcto. Houve um cartão-amarelo a Gonçalves, não por falta disciplinar mas por falta de carácter técnico que é preciso evitar. Gostámos da arbitragem. O trio terá tido alguns erros, mas reconhecemos-lhe, durante todo o jogo, interesse em realizar trabalho honesto. Aliás só sob este aspecto é que a maioria de todos nós que assistimos ao futebol estamos à altura de criticar o trabalho dos árbitros.

3.ª JORNADA:

ATLÉTICO- ESPINHO

O S. C. Espinho apresenta-se pela 1.ª vez em Lisboa como equipa da 1.ª Divisão. Terá por opositor a equipa da zona ocidental da cidade, o popular Atlético, que na época passada também militava na 2.ª Divisão.

Como se irá comportar o S. C. Espinho perante a equipa alcantarense? Irá, com certeza, animado para fazer um bom resultado, pois a vitória conseguida sobre os setubalenses constitui poderoso estímulo.

Os lisboetas não têm demonstrado preparação conveniente até porque acabaram demasiado tarde a época passada. Tendo dispensado 6 jogadores, receberam este ano o guarda-lua Gaspar (ex-Académico), Guta e J. Carlos (ex-Amadora), Horta (ex-Sintrense), Amaral (ex-Benfica) e Prieto (do Ultramar), jogadores que Fernando Vaz procura aproveitar como verdadeiros reforços da equipa.

Será que o S. C. Espinho vai conquistar pontos à Tapadinha?

Até pode ser que o conhecido campo da Tapada da Ajuda seja talismã para o S. C. Espinho, onde há anos conquistou a valiosa taça «Ribeiro dos Reis» e onde pode agora voltar a demonstrar um valor que o jogo do passado domingo começou a revelar.

HÓQUEI EM PATINS

ACADÉMICA DE ESPINHO CAMPEÃO DA ZONA NORTE

Depois de uma carreira quase cem por cento vitoriosa, pois apenas conheceu o amargo de uma derrota, a Académica de Espinho foi a vencedora do Campeonato da II Divisão, da zona norte.

Mais uma vitória a juntar às do Torneio Início e do Regional, ficando agora apurada para disputar o título máximo da II Divisão com o Parede, que foi o vencedor da zona Sul. Depois desta longa caminhada regressa assim ao convívio dos grandes, onde esperamos que com o trabalho em profundidade que se

está a realizar neste clube, se possa manter no lugar onde sempre mereceu ou seja na I Divisão. No último fim de semana a equipa espinhense deslocou-se a Lamas, onde defrontou o União local, infligindo uma rotumbante derrota ao seu opositor por 11-4, fechando assim com «chave de ouro» a caminhada para o título da zona Norte.

A Académica de Espinho alinhou com: Jorge; Vladimiro (1), Rui Lacerda (8), Raúl, Alcino, Sobral (2), Martins e Alexandre.

TORNEIO FRANCISCO CALDEIRA

Realizou-se no Pavilhão da Académica de Espinho a 1.ª jornada, referente ao torneio de Infantis organizado pelo clube espinhense em colaboração com a Associação de Patinagem do Porto.

Os jogos tiveram início às 21 horas, e foram presenciados por numerosa e entusiasmada assistência.

F. C. Porto, 7-Académico, 0.

Intervalo — 4-0.

F. C. P. — Carlos; Mário, Luís, Jorge, Amaral, Martins, Grilo e Neto.

Académica — Henrique; Sousa, Carlos, David, Magalhães e Avelino.

Valongo, 1-Infante de Sagres, 0.

Intervalo — 0-0.

Valongo — Dias; Lino, Nunes, Fonseca, Neves, Rocha e Bruno.

Infante de Sagres — Pais; Pinto, Dias, Ferreira, Mota e Costa.

Juventude Pacense, 1-Ac. de Esp., 3

Intervalo — 0-1.

J. Pacense — Gomes; Oliveira, Mário, Campos, Matos, Rui e Santos.

A. de Espinho — Brito; Couto, Sousa, Gabriel, Salvador, Sá, Marçal e Gil.

Ontem realizou-se a 2.ª jornada que englobou três jogos disputando-se amanhã, a final e o jogo de apuramento do 3.º e 4.º classificados. No final serão distribuídas taças a todas as equipas participantes.

«O Espinho» — Boletim informativo do S. C. de Espinho

Apareceu a circular no passado domingo um boletim editado pelo S. C. Espinho que se propõe informar todos quantos se interessam pelas actividades do Clube.

Anotamos com satisfação o aparecimento deste nóvel órgão informativo que não só se propõe cumprir uma função divulgadora da vida clubista, mas também, a avaliar pelo 1.º número, uma acção doutrinadora que o momento desportivo impõe e devia ser seguida por todas as colectividades que militam no nosso futebol.

Permita-se-nos um apontamento muito pessoal para manifestarmos quanto nos agradou ver Carlos Sárria a colaborar no boletim do S. C. Espinho. Trata-se de um esclarecido desportista com vasta e valiosa colaboração espalhada por muitos jornais, por vezes mal compreendido mas que tem demonstrado sempre um interesse notável por tudo quanto se relaciona com o engrandecimento de Espinho. A ele e a todos os que colaboram em «O Espinho» desejamos os maiores êxitos e felicitações pela iniciativa

A. A. G.

Rascunhos

(Continuação da pág. 10)

zes, herrs de salientes panças cervicadas, loiras cabecitas nórdicas. Mais fácil se torna, nas beaches daquele reino, comprar «Le Figaro», «The Times», ou qualquer Zeitung que o mais lido dos jornais portugueses. E quase impossível é também comprar um livro da boa literatura portuguesa, pois é muito mais frequentemente topável num stand revisteiro um Penguin Book ou um Livre de Poche. Em vez do Século Ilustrado, compra-se o Paris-Match, para substituir a Vidá Mundial adquire-se a Newsweek.

Resta-me a esperança de que também isto se tenha mudado um pouco e o Algarve seja agora muito mais português. Certo, certo, irei encontrar as sardinhas assadas sob a ponte de Portimão, o panorama extraordinário que se lobriga do alto da Foia e a bruteza impressionante e imutável das falésias de Sagres. E, depois, o regresso à cidadezinha quadriculada, varrida pela nortada, incaracterística mas onde encontro o calor da amizade que não topo em ponto algum que não seja a minha terra natal.

C. P. M.

Tapetes para automóveis

Por cada jogo de tapetes oferece-se uma cassette ou cartucho com música gravada

ALCATIFAS, CARPETES e TAPETES

— Rua 22 n.º 1190-1192 —

Telefs. 922171/921556 — ESPINHO

PRECISAM-SE

Guias do sexo feminino para Excursão (só para fins de semana) Idade dos 17 aos 22 anos Resposta com habilitações literárias e foto para o

Apartado 62 — ESPINHO

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DE ESPINHO

AVISO

Nos termos do officio 15 460 de 6-9-74 Lei n.º 375/74 de 20 de Agosto é concedido aos executados em processos de execução fiscal o prazo de 30 dias para efectuarem o pagamento voluntário da dívida exequenda, sem custas, encargos nem juros de mora.

Nos termos do officio 15 460 de 6-9-74 da 1.ª Repartição da Direcção Geral das Contribuições e Impostos o referido prazo termina no dia 30-9-74

Lições de Língua Italiana

Preparação para as Faculdades de — Letras. Telefone 921150 — ESPINHO



A EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DESENHO DE VIRGÍLIO MASSINGUE

(Conclusão da 1.ª pág.)

Neste sentido quisemos ouvir V. Massingue o que nos tinha para dizer; o primeiro contacto fez-se com o catálogo da exposição e os títulos das obras expostas, ex: «Com chicote cultivei algodão? Grito da minha avó», «Minhas mãos do povo, de trabalho e fome», «Lutar até à vitória por um ideal», etc., de imediato nos confirmaram o sentido sócio-político da intervenção de V. Massingue, o qual seria plenamente confirmado na leitura das pinturas expostas; ler esta pintura (bátiks e desenhos), exigirá ao observador pensá-la não em termos de quadro para parede (embora também sirva essa função) mas fundamentalmente entendê-la como um relato que o é, de imagens do quotidiano, nas quais se torna evidente a intenção do autor deixar bem marcado o sentido patético de opressão de um povo agora votado à conquista das suas liberdades fundamentais.

Contando-nos a sua história, V. Massingue começou por nos dizer que o seu interesse pela pintura, nasceu de ver e ajudar sua avó a decorar o interior da palhota em que viviam, tendo mais tarde continuado a desenvolver este seu interesse na escola primária e secundária. Paralelamente e através do tempo, foi tomando consciência crescente de todo o cortejo de necessidades e sofrimento da sua gente, o que no seu parecer viria a determinar o caminho a seguir, ou seja a luta contra o colonialismo, denunciando-o e retratando-o através das imagens transmitidas à pintura.

Todo o processo de representação é por tal necessariamente dirigido, no sentido de deixar bem marcado a dureza de existência.

Seguindo no nosso diálogo, V. Massingue diz que, a sua pintura serve e é ao mesmo tempo a luta e o grito do seu povo; a uma nova observação sobre a inserção estética do seu trabalho, situado em raízes de profunda origem africana, dando como exemplo de uma cultura puramente moçambicana a escultura Maconde.

O seu ponto de partida para a realização da pintura, encontra-se intimamente ligado à sua poesia, à qual vai buscar os dados que o motivam; poder-se-á dizer que a poesia é o seu esboço preferido.

Ainda relacionado com a sua pintura e em virtude da nova situação política, V. Massingue disse-nos que, uma vez que se considera um pintor revolucionário, pensa que a situação existente o venha a influenciar em novas tomadas de posição, as quais todavia dirigir-se-ão sempre para o esclarecimento e valorização do seu povo.

Quanto ao problema de descolonização, afirmou-nos estar optimista, dizendo no entanto das suas apreensões no que diz respeito ao colono branco adaptar-se de imediato às novas realidades político-sociais, indo a sua esperança para a juventude onde os exemplos, segundo diz, já são positivos.

Por último uma mensagem de Virgílio Massingue:

«Que os cépticos não vejam a independência como uma separação, mas sim a possibilidade duma cooperação que significará uma dádiva para a união entre dois povos, na construção dum mundo melhor».

J. A.

RASCUNHOS

Nunca fui muito permeável, ao que me parece, aos «slogans» da mais variada ordem com que se pretende impor, subliminarmente, o consumo de certos produtos, o seguimento de certas ideologias, o aplauso automático ao que o não merece.

Por isso mesmo não fumo o tal cigarro que dá quilómetros de prazer. Nem gosto do banco onde cada qual conta mais que a sua conta. Também me não lavo com o sabonete que usam nove de cada dez estrelas. E nada de falar em beber a tal que refresca.

Mas agora apareceu uma outra frase, que manda fazer férias portuguesas. E eu obedeço, fielmente. Cá vou fazer férias portuguesas. Isto alterou bastante todos os projectos que formulara há muitos meses. Preparava-me para atravessar a fronteira e ir

além Pirineus. Precisava de repetir uma experiência de anos atrás, mas, não por força dos «slogans» mas sim por outras razões muito mais atendíveis, fico-me por este jardim à beira mar plantado, mais propriamente deslocando-me ao reino dos Algarves.

De resto, isto de ir ao Algarve é um pouco ir ao estrangeiro. Ou, pelo menos, assim me pareceu nas anteriores estadias que lá fiz. Por todos os lados, junto à costa, se viam letreiros redigidos no mais vernáculo inglês a anunciar terrenos «for sale», placas parisiensemente puras a publicitar «maison à louer», isto sem contar com as «boites», os «snack-bar», as «tavern», and so on... E mais infundável cortejo de misses de bikinis a mostrar certas quantidades de vari-

(Conclui na pág. 9)

GAZETILHA

NO CAIR DA FOLHA

*Neste Outono que entra hoje,
Melancólica estação,
Nas asas do vento foge
O folhêdo em turbilhão.*

*Cai a folha ressequida,
Segue a sua triste sorte;
Cai da árvore da Vida,
A Ilusão, f'rida de morte.*

*Caem as chuvas do inverno,
Caem destinos precários...
Só não caem, no inferno,
As almas dos usurários.*

*Se à pureza dum crisol
Se aponta frio punhal,
Que caia a lança do Sol,
Rasgando as trevas do Mal!*

*Em fatias do Passado,
Bem barradas de Mentira,
Só cai, de dente afiado,
Quem ao Presente se atira.*

*E é erro dar liberdade
A quem for dela inimigo:
Que, dessa boa-vontade,
Cai a liberdade em perigo.*

*Cáiram da esterográfica
Estas quadras corriqueiras,
Sobre a paciência seráfica
De quem lê tais frioleiras;*

*Mas diz-me, p'ra terminar,
Falacioso advogado:
«— Eu só ganho, por falar;
Nunca, por estar calado!»*

Alberto Barbosa (BEKA)

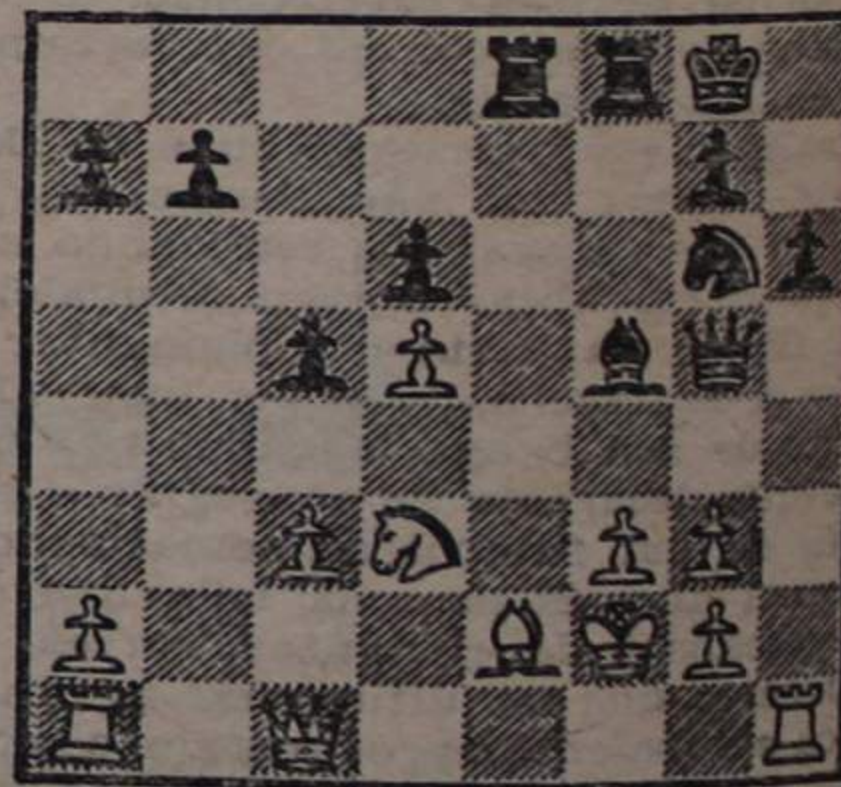
Vamos jogar Xadrez

Depois de termos abordado nas últimas semanas algumas considerações teóricas sobre a maneira de conduzir uma partida, vamos encetar hoje uma pequena viragem para algo, que muito nos tem sido solicitado desde que criámos esta pequena secção — Os Problemas de Xadrez.

Sendo um desporto para uns, passatempo para muitos e arte intelectual para os bons aficionados deste nobre jogo, os problemas de xadrez são cada dia mais apreciados por todos. A contínua publicação em jornais e revistas, e a correspondência que suscitam, assim o confirmam.

Portanto semanalmente aqui estará o nosso problema. A solução será apresentada na semana seguinte. Não quer com isto dizer que abandonaremos as nossas considerações sobre aberturas, meio jogo e jogos propriamente ditos, sempre que a oportunidade surja e o espaço não escasseie.

Escolhemos para hoje do Torneio de Mar Del Plata — 1956 a vitória do grande mestre Najdorf sobre Toth. A primeira vista a posição das brancas apresenta-se um pouco restringida, mas como aproveitar essa circunstância?



PROBLEMA N.º 1

AS PRETAS JOGAM E GANHAM

Tempo para Solução:

Um minuto para um jogador de primeira categoria; cinco para um de segunda; nove para um de terceira e doze para um aficionado.

H. C.

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Valdemar de Castro Brandão
Rua 21 nº 875
ESPINHO